



NOTAS SOBRE OS DESAFIOS DA ESPIRITUALIDADE CONTEMPORÂNEA: UMA LEITURA A PARTIR DE LEONARDO BOFF

NOVAIS, Lucimar Nascimento¹
FERNANDES, Márcio Luis²

Resumo:

O presente artigo trata dos desafios da espiritualidade contemporânea a partir de Leonardo Boff. O objetivo foi analisar as facetas da espiritualidade a partir do livro “Experimentar Deus” e recolher os principais desafios expostos pelo autor para a compreensão da relação entre a espiritualidade e a experiência. A proposta feita pelo teólogo brasileiro é de uma mística e espiritualidade que produzem uma transformação no jeito de olhar a vida e enfrentar os desafios.

Palavras-chave: Deus - Espiritualidade – Desafios Contemporâneos - Libertação

NOVAIS, LUCIMAR NASCIMENTO; FERNANDES, MÁRCIO LUIS. NOTAS SOBRE OS DESAFIOS DA ESPIRITUALIDADE CONTEMPORÂNEA: UMA LEITURA A PARTIR DE LEONARDO BOFF. **CADERNO TEOLÓGICO DA PUCPR**, CURITIBA, v.7, n.1, p.74-90, 2022.

¹Lucimar Nascimento de Novais é Bacharel em Teologia pela PUCPR. Email: lucimarnascimento21@gmail.com

²Márcio Luis Fernandes é Professor do Curso de Teologia da PUCPR, e-mail: marciovisconde@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

As reflexões deste artigo serão desenvolvidas a partir das provocações e também das categorias teológicas presentes no livro “*Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas*” de Leonardo Boff. Apesar de ser um livro escrito e produzido em 1974 ele ainda não perdeu sua atualidade porque levou em consideração a busca da experiência de Deus. Esta busca é algo perene e fundamental para o ser humano e conteúdo essencial para a teologia espiritual. Interessante notar como o contexto de opressão e miséria dos povos latino-americanos submetidos a regimes políticos ditatoriais levou diversos teólogos a se dedicar a escrita de textos de cunho espiritual marcado por um paradigma que escolhe “a práxis como ponto de partida e de chegada de sua reflexão” (LIBANEO, 1996, p. 42). Eles compreenderam imediatamente a força renovadora da mística e da espiritualidade cristã para a vida pessoal e social. Muitos autores desta corrente teológica tão engajada nas questões sociais e políticas não deixaram de tratar a questão fundamental para a vivência da fé que é a necessidade de fazer a experiência de Deus como, por exemplo, Gustavo Gutierrez, Jon Sobrino (1985), Pedro Casaldáliga (1988), Pablo Richard (1996), Clodovis Boff (1984).

Qual seria, então, o motivo para propor a discussão de algumas categorias fundamentais presentes em um livro de Leonardo Boff, lançado originalmente pela Conferência dos Religiosos do Brasil em 1975 e depois reeditado com o título: *Experimentar Deus, hoje?* Em primeiro lugar, seria pela própria declaração feita por Leonardo de que o início da sua elaboração teológica foi marcado por um trabalho de assessoria em toda a América Latina cujo tema fundamental era a experiência de Deus. Chamou-nos a atenção o fato de que Leonardo considerava o livro *Experimentar Deus, hoje* mais original do que os livros de grande sucesso como *Jesus Cristo Libertador* e *Teologia da libertação* (BETTO; BOFF, 2010, p.157). Em segundo lugar, em razão do contexto das celebrações dos 50 anos do Vaticano II e, por conseguinte, da caminhada da Igreja após o Concílio e após as Conferências de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida que exigiram que a conversão a Deus se manifestasse pela partilha, solidariedade, pela vida orientada na doação aos pobres e em atenção à natureza. Desse modo, este artigo se divide a partir das fundamentais categorias que foram abordadas no livro por Boff.

A primeira questão refere-se à busca de Deus, a segunda em relação à representação de Deus, a terceira com relação à noção da experiência cristã de Deus e, por fim, discutimos as modalidades da aparição de Deus no mundo moderno.

2. BUSCAR, SENTIR E EXPERIMENTAR DEUS

Pode-se dizer que o homem contemporâneo ainda busca a Deus?

Leonardo Boff capta o núcleo fundamental da espiritualidade contemporânea quando diz que “experimentar Deus não é só pensar sobre Deus, mas sentir Deus na totalidade de nosso ser. Experimentar Deus não é falar de Deus aos outros, mas falar a Deus junto com os outros” (BOFF, 2002, p. 7). Desse modo trata-se de uma espiritualidade comunitária que retrata a experiência de um povo em caminho. Não é uma espiritualidade que leva ao fechamento em pequenos guetos e vive esquecida da luta efetiva na história. Comumente quando falamos em espiritualidade, já pensamos na relação do ser humano com Deus através da meditação, da reflexão, da interiorização, da oração e como tais processos proporcionam o encontro consigo mesmo e com Deus, mas sem esquecer a dimensão comunitária e missionária. A característica típica da reflexão sobre a espiritualidade cristã proposta por Leonardo Boff pode ser resumida em duas palavras-chave: a primeira é compaixão e a segunda é compromisso. Por outro lado, é preciso salientar que este encontro com o Deus revelado em Cristo é exigente, por isso, não se pode esquecer que a natureza própria da espiritualidade cristã é aquela que vive na lógica da encarnação. A experiência originária de Deus e sua busca realizam-se no cotidiano:

Fazer a experiência de Deus em cada situação, andando na rua, respirando o ar poluído, alegrando-me, tomando cerveja, empenhando-me num compromisso na favela, procurando entender algum texto que se esteja estudando. Isso é experimentar Deus em todas as coisas, pois Ele vem misturado com tudo isso, mergulha nisso tudo. Então qualquer espaço, qualquer situação, é suficientemente rica e boa para se captar Deus e dizer: Ele está conosco (BETTO; BOFF, 2010, p. 137).

Leonardo Boff sustenta que o sentido dessa experiência com Deus leva-nos a contemplar, analisar e refletir como é bom estar com Deus. Perceber que tudo o que vivo com Deus vou conseguir transmitir para os outros que estão à minha volta. Sinto a experiência de Deus nas coisas simples onde melhor vemos a beleza da sua manifestação e sentimos que Ele nos revela seu amor gratuito e eterno. Sentir Deus ocorre por meio do encontro diário com ele, através dessa relação vamos perceber a mudança radical da vida, se observarmos as pessoas que tem esse diálogo profundo com Deus, já vamos perceber o efeito dessa experiência. Ela vem expressa pela serenidade, alegria e espontaneidade. Pode se tornar uma pessoa capaz de colocar em prática a realidade amorosa que ela mesma vive no relacionamento com Deus.

Mas qual seria o sentido dessa experiência com Deus? Como sinto essa experiência de Deus na minha vida? Experimentar Deus tal como aparece nas reflexões de Leonardo Boff relaciona-se ao convite para explorar uma ampla gama de circunstâncias:

- 1) É um convite para ver como Deus aparece no mundo da tecno-ciência;
- 2) É um convite para ver Deus no campo do conhecimento da moderna cosmologia;
- 3) É um convite para ver como Deus aparece no contexto de opressão da América latina;
- 4) É um convite para ver como Deus emerge na experiência pessoal;
- 5) É um convite a fazer a experiência de como o mistério de Deus se mostrou no caminho de Jesus Cristo;
- 6) É um convite a experimentar Deus por meio da vida religiosa.

Contudo, é preciso notar a necessidade de reconhecer que Deus se manifesta na experiência humana da nossa linguagem: “ao testemunharem Deus, usando o recurso da linguagem e do imaginário, eles afirmam, negam e voltam a afirmar” (BOFF, 2002, p. 12). Por meio da linguagem é possível notar como na experiência concreta se dá um processo de revelação e, ao mesmo tempo, de ocultamento. Nossa linguagem é limitada e, portanto, diante do Mistério é preciso reconhecer diversos momentos em que o ser humano experimenta emergir a dimensão da emoção e sensibilidade.

Boff sublinha a necessidade de perceber Deus não só com a razão, mas por meio da emoção. Fala-se de razão quando somos levados a pensar em Deus e da emoção no sentido de experimentar Deus por meio do coração. Estas duas dimensões têm de se harmonizar: não posso só pensar, mas é preciso sentir. O perigo é sempre o reducionismo da experiência ou a absolutização de um dos polos envolvidos. Pode-se fazer a experiência de uma espiritualidade, por exemplo, que só acentua o lado emocional e leve a pessoa a só sentir Deus no interior, levando ao fechamento para os outros. Mas para o teólogo brasileiro não se pode imaginar Deus longe de nós, mas perceber que Ele está conosco através do nosso próximo. Por isso, também é possível olhar para a dimensão do servir a Deus no próximo. Não temos de ir muito longe para encontrarmos nosso Deus. Quando abrimos nossa porta para o próximo, eis que o próprio Senhor é quem bate a nossa porta e “estabelece a sua morada em nós”³. Essa originalidade da experiência de Deus nos faz refletir sobre a relação de Deus com o eu pessoal, com o outro e com a sociedade. Além disso, temos a dimensão do crer em Deus que nos faz amar toda a criação

³ Cf. Ap 3,20

e coloca o ser humano na absoluta disponibilidade e gratuidade diante do real. Estas são dimensões fundamentais porque nos interpela a como empenhar-se na luta por uma sociedade justa e fraterna sem sufocar as raízes místicas da vida cristã e, além disso, permitem crescer na união com Deus.

A partir do contexto latino americano foi elaborada uma teologia da espiritualidade que soube colher os dramas e os desafios vividos pelos crucificados da história. Hoje a espiritualidade é desafiada pelo desenfreado processo de fragmentação a respeito do sentido da vida que gera a descrença em Deus, o individualismo e a crise da ética. Mas o mundo continua carente e sedento de Deus. No cotidiano contemporâneo vivenciamos uma sociedade que valoriza mais o ter do que o ser. O mundo do consumo exerce grande poder de manipulação, onde o frágil e o fugaz são exaltados. Deus é visto em segundo plano. Precisamos de um mundo justo e fraterno, mas isso só será possível por meio da nossa ação consciente para transformar as realidades. E qual é a nossa ação diante dessa realidade? Precisamos estar atentos aos clamores das pessoas que sofrem, temos que ter mais atitudes de acolhida, principalmente do ouvir o outro, compreender. Temos ainda que sair de nós mesmos e ir ao encontro do outro e fazer esta experiência de Deus no outro.

A espiritualidade libertadora que brota das páginas da Bíblia inspira-nos um amor político como resposta à vontade de Deus e ao contínuo sofrimento da humanidade atual. Esse amor político exige ascese que consiste em abraçar os sofrimentos, as provações e as diversidades.

Observa-se que no Antigo Testamento Deus colocava-se ao lado das três classes de pessoas que mais sofriam na época: o órfão, a viúva e o estrangeiro. Deus pede inclusive a seus mensageiros que estejam do lado, cuidem e valorizem aqueles que mais sofrem as injustiças. No Novo Testamento apresenta-se Jesus, o Filho de Deus, o nosso Salvador para dar continuidade a esta missão, ele defende mais três classes de pessoas que são os pobres, os doentes e os pecadores públicos. Isso é dar prioridade àqueles que mais necessitam de nós e precisam dessa graça de Deus manifestada em nós. Trata-se aqui de ver, sentir e experimentar Deus.

Cada pessoa é convocada a fazer sua experiência de Deus. Cada um tem uma história diferente para contar sobre os traços de Deus na sua vida. Para fazer essa experiência é preciso buscar lugares e dar o tempo necessário para experimentar e sentir a Deus.

3. A REPRESENTAÇÃO DE DEUS

Para viver a espiritualidade da libertação e conseguir enfrentar os desafios colocados pela modernidade e pela crescente secularização, seria importante retomar algumas considerações feitas por Boff a respeito da representação de Deus. Em geral, é necessário refletir e reconhecer o conhecimento transmitido sobre Deus pela religião, pelo ambiente cultural, pela família. Boff nos diz que fazemos a experiência desta representação até mesmo por meio dos nomes dados para conceituá-Lo como Senhor, Pai, Mãe, Santo, Pedra, Sol etc. Em todas estas palavras há um tipo de representação de Deus. No processo da experiência de Deus é inevitável o confronto e a crise com relação às imagens de Deus que nos foram transmitidas, pois algumas delas podem ser imagens demoníacas antes de ser a evocação da presença e do nome do Mistério.

A possibilidade de rever a representação que temos de Deus permite um processo de discernimento com relação a outras dimensões da vida como nos afirma Casaldáliga:

Se revermos nossa imagem de Deus, temos de revisar também essa ideia de religião distanciada da história, distanciada dos homens, dos povos e dos seus processos históricos, da política (...) E se cremos nesse Deus, se aceitamos esse Jesus Cristo, Deus encarnado, homem conflitivo, acusado, condenado à morte, suspenso em uma cruz, proibido pelos poderes imperiais, religiosos e econômicos de seu tempo [...] necessariamente, como Igreja, como comunidade de seguidores de Jesus Cristo, haveremos de rever, também, de revisar, de transformar nossa própria teologia, ou seja, a sistematização de nossa fé cristã, a celebração dessa mesma fé cristã que é a liturgia, a administração desta fé cristã, da vivência desta fé, que é a pastoral, e a vivência pessoal de cada um dos cristãos, desta mesma fé, que é a espiritualidade. (Casaldáliga, 1988, p. 15)

Outro aspecto importante de ser considerado é o elemento positivo presente na representação de Deus. Toda a nossa linguagem tem traços significativos para nos referirmos à representação Dele que vai desde o plano figurativo, imaginativo até o plano simbólico. Deus é tão grande que supera os nossos conceitos. Aliás, os nossos conceitos podem se tornar como uma gaiola onde se deseja encarcerar “Deus”. Assim, a linguagem poética parece ser a melhor saída para poder escapar desta tentação de enquadrar Deus dentro de nossas medidas. A imaginação poética garante, ao menos em parte, a possibilidade de dizer que Deus está para além de nossos conceitos, é transcendente e está acima de tudo.

Quando na nossa vida aparecem as situações negativas, começamos a perguntar, a reclamar como compreender Deus dentro desse espaço? Todas as representações de Deus já passam a ser questionadas.

A experiência de Deus comporta desse modo, o reconhecimento de que é necessário trabalhar as imagens que carregamos. Deus vai além de todos os nomes que os seres humanos lhe atribuem. Conforme afirma Boff “compreendemos que nosso acesso a Deus só pode ser feito através das imagens. Começamos a saboreá-las porque estamos livres diante delas. Elas são os andaimes, não a construção” (BOFF, 2002, p. 12). Muitas vezes confundimos os níveis e não entendemos que Deus nos fez para a liberdade e as imagens que dele fazemos por analogia é para nos ajudar e não para impedir o acesso e o reconhecimento do Mistério.

Todas estas reflexões nos ajudam analisar a experiência de Deus na nossa vida e as formas como as imagens foram sendo estabelecidas em nós. A escuta da Palavra de Deus, o silêncio, a meditação e o estudo desencadeiam um processo de criação de uma nova mentalidade. Na oração, por exemplo, o nome de Deus é reverenciado, louvado, reconhecido e deixamos espaço para que a essência Dele penetre o ser. A experiência de Deus passa pela porta das nossas vivências. Há experiências espirituais profundas que nem sequer sabemos nomear e se assemelham àquelas descritas pelos santos, tais como o famoso relato de Santo Agostinho que nas Confissões diz:

Todavia, esse homem, particulazinha da criação, deseja louvar-vos. Vós o incitais a que se deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em vós. Tarde vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-vos! Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não estava convosco! Retinha-me longe de vós aquilo que não existiria se não existisse em vós. Porém chamastes-me com uma voz tão forte que rompestes a minha surdez! Brilhastes, cintilastes, e logo afugentastes a minha cegueira! Exalastes perfume: respirei-o suspirando por vós. Saboreei-vos, e agora tenho fome e sede de vós. Tocastes-me e ardi no desejo de vossa paz. (AGOSTINHO, 1975, p. 266ss).

O grande desafio não é somente reconhecer que é preciso criar uma nova imagem de Deus, mas deixar ressoar na vida concreta tudo o que de positivo está presente neste nome, para que a imagem dele possa ser reconhecida na vivência com os outros.

4. OS DESAFIOS DA EXPERIÊNCIA DE DEUS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Em seu livro Leonardo Boff nos apresenta “a experiência do mundo moderno, onde os seres humanos fizeram presentes no mundo e fizeram o mundo presente neles” (BOFF, 2002, p. 37). O principal desafio para a espiritualidade quando se leva em conta a situação política, econômica, religiosa e cultural é perceber que a realidade se tornou muito complexa e

fragmentária. Neste sentido, o fenômeno humano da globalização exerce forte influência porque coloca as pessoas em relações que não são somente do próprio círculo familiar ou da cidade, mas põe o indivíduo em relações a nível planetário. As mudanças são muito rápidas e afetam a maneira como as pessoas vivem suas experiências. Há uma sensação cada vez mais forte de que tudo o que se faz é fragmentário.

Na modernidade cresce as inquietações e a consciência da própria subjetividade. Nós vivemos uma cultura imediatista, onde o cultivo da história, da memória e da utopia tal como nos ensina a grande narrativa bíblica já não tem tanto valor. O grande desafio é que há um vazio interior e a procura de algo para preencher o vazio. Para ser feliz vale o fato de que cada um deve cultivar individualmente seu jardim. No entanto, há o perigo de se esquecer da dimensão da solidariedade e fraternidade próprias da espiritualidade da libertação. A sociedade do conhecimento e da cultura das massas nos lança o convite para consumir cada vez mais. Onde fica Deus nessa história? Os objetos modernos, a tecnologia avançada toma o espaço de Deus.

Na sociedade atual é preciso sabedoria para discernir entre a experiência de Deus e do mundo. Para conviver com o conflito, será necessário inspirar-se nos grandes mestres da espiritualidade que utilizavam como recurso a intimidade com Deus, o retirar-se em silêncio para recuperar as forças. É uma espiritualidade do amor tal como nos fala o bispo teólogo: “dar a vida é também dar o próprio tempo; o sossego pessoal; a privacidade; a comodidade e o conforto; o bom nome; os privilégios” (CASALDÁLIGA, 1988, p. 167).

Este nosso mundo passa pela necessidade de Deus, porque não se busca Deus. O ser humano esqueceu que é preciso ter uma comunicação mais próxima com este ser que tanto nos ama.

Frente a esta realidade temos vários desafios, entre eles podemos citar a globalização, a modernidade, a estética, o ativismo, o consumismo. O ser humano é considerado como um objeto descartável, ele não tem dignidade. O mundo apresenta estes grandes desafios ao ser humano. Deus nos deixa livre para viver, mais é preciso viver com cautela porque tudo o que é demais faz mal.

O ser humano no mundo contemporâneo procura a felicidade nos produtos ofertados pela pós-modernidade. O modelo midiático e tecnológico da cultura atual antes de ajudar enriquecer a experiência da pessoa, lança o ser humano na fragmentação onde os slogans, imagens e ícones informativos substituem o debate das ideias. A própria procura pela estética do corpo e o bem

estar passageiro são indícios de uma cultura cada vez mais narcisista. O ser humano se deixa envolver pela “moda”, não faz mais de seu corpo aquilo que ele realmente é, mas se deixa influenciar pela mídia, ou qualquer forma de manipulação externa. Assim podemos entender que não são mais as pessoas que decidem o que querem fazer de suas vidas, mas é a massa que as transforma em suas propriedades privadas.

O corpo é aquilo que cada pessoa faz dele. Diante de tudo que vimos e ouvimos devemos ter uma atitude equilibrada, nos distanciarmos de todo e qualquer tipo de influências maléficas que podem afetar o nosso ser, templo criado por Deus para que pudéssemos existir e fazer a diferença na sociedade e no mundo em que vivemos. Portanto, a proposta da fé cristã privilegia os componentes do bem estar do ser humano na sua totalidade.

O que torna o nosso corpo e nossa alma sadios em todos os sentidos são os exercícios espirituais, a prática que hoje está se perdendo nos vãos da modernidade. O corpo não é apenas uma matéria ambulante, mas é um conjunto de fatores que se forma na medida em que buscamos conhecê-lo e cuidá-lo de forma digna dentro dos padrões da natureza humana e divina.

Qual será a mentalidade das pessoas ao querer transformar seu corpo naquilo que não são? Podemos entender que é porque não estão contentes com o que são? O que as leva a desejar ser diferente? E depois que se transformam se sentem realizadas com as transformações adquiridas? Ou é apenas uma forma de preencher um vazio existencial que não será preenchido com tais transformações? O que busca de fato o ser humano? Será que é uma fuga, para evitar a morte do corpo? Se não nos preocuparmos com o bem natural daquilo que realmente somos, não serão as modificações tecnológicas que prolongará a nossa existência terrena.

Somente ligados àquele que doou o seu corpo e a sua vida por amor a humanidade, para vivermos dignamente, é que seremos capazes de termos um corpo restaurado pelo dom mais precioso a nós concedidos: a vida, que habita no corpo e é a criatura projetada, amada e escolhida por Deus para habitar neste mundo “O Deus-Mistério está no mundo técnico-científico, mas retraído, olvidado, silenciado. Porque não se fala dele não significa que não esteja presente, ou seja, negado. Ele está lá no pudor do silêncio” (BOFF, 2002, p. 43).

Mesmo diante destes desafios do mundo, Deus está presente, mesmo que o ser humano não perceba, Ele está presente em todos os lugares, porque se Ele estivesse presente em um só lugar e nos lugares onde Ele é buscado, não seria Deus.

Sonhamos por um mundo mais fraterno, onde todos viverão como irmãos, onde haja a igualdade, a fraternidade, um mundo de paz e cheio de alegria, onde há possibilidade de mudanças. Não podemos esperar que a mudança comece pelo outro, ela deve começar por nós, por mim e por você. Deus estará feliz com esses objetivos colocados em prática.

No mundo contemporâneo vemos as injustiças, a exploração de pessoas que são oprimidas, trabalham muito e ganham pouco para sobreviver. Quando se relata desta classe baixa, muitas vezes não queremos nem ouvir, queremos passar o assunto pra frente ou fingirmos de cegos, temos vergonha de dialogar com realidade.

Há várias periferias que precisam da nossa contribuição, do nosso atendimento, do nosso apoio, da nossa ajuda. Temos que assumir o nosso compromisso de solidariedade com os que sofrem, com os que choram, temos que engajar com as causas sociais e movimentos que lutamos a favor dos que são sofridos explorados.

Deus se faz presente diante desse mundo angustiante, Ele se sente ofendido com a miséria, humilhação, ganância, a violência, arrogância, exploração, discriminação, todos estes fatores é um grande desafio que passamos e estamos passando.

Diante desta realidade não podemos perder a esperança de lutar pela dignidade uns dos outros para que haja amor, justiça e fraternidade. Deus é um Pai que quando vê o filho indo por uma direção ruim ele fica triste, mas mesmo assim ele procura apontar uma nova direção, para que seu Filho possa reencontrar um novo caminho. Deus nos deixa livre, mas a escolha é nossa “quanto maiores forem às trevas, maior será o resplendor da luz” (BOFF, 2002, p. 65).

Uma experiência dolorosa no mundo é a falta de ver, sentir, tocar Deus no outro e de fazer a experiência de Deus com o outro. É fácil adorar e venerar Deus nos templos e por meio de ritos. Temos que servir a Deus, mas também servir Deus no próximo, pois Deus não quer ser servido nele mesmo, mas nos pobres e últimos⁴. Servir é expressão de doar-se ao outro por amor sem esperar nada em troca, é um gesto de gratuidade, e porque não fazer esta experiência gratificante?

Madre Teresa e tantos outros por suas vidas afirmaram que se ao ofender nosso próximo ofendemos a Deus, surge então atenção a estes, que é também atenção ao próprio Deus. Precisamos de mais atitudes, de serenidade, de misericórdia, paz, amor. É necessário amar o outro não por interesse, não por necessidade, mas pelo seu ser, pelo valor que ele tem em si. “Se

⁴ Cf. Mt 20, 28

alguém disser: ‘amo a Deus’, mas odeia o seu irmão é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem, não vê, não poderá amar”⁵.

A reciprocidade do amor é exigida pelo mandamento que Jesus mesmo define como o seu: “Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros como Eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros”⁶, “portanto, só quem se entrega de corpo e alma a serviço do próximo, humilhado e ofendido, começa a perceber uma dimensão que transcende o próximo e a ele mesmo” (BOFF, 2002, p. 68).

5. EXPERIÊNCIA CRISTÃ E O PROTAGONISMO DA PESSOA

O cristão é chamado a fazer a experiência do amor de Deus revelado em Cristo na dimensão pessoal e comunitária. É chamado a sair do comodismo e irradiar a luz que há dentro do seu interior. O distintivo fundamental é a caridade, por isso, é preciso uma “solidariedade real, disposta a dividir e que não é possível sem a exigência cristã do amor que se traduz em *kénosis* = desprendimento: desprendimento de uma maneira de pensar manifestado numa maneira de viver” (DIAZ MATEOS, 1992, p. 172). Todo cristão tem sua caminhada pessoal, sua própria história e faz sua experiência de Deus no mundo, como nos afirma Boff: “Faz a sua experiência do mundo e, no coração dele, do mistério do mundo, isto é, de Deus” (BOFF, 2002, p. 71).

Na caminhada pessoal passamos a experimentar Deus, desde nossa família que é a nossa primeira base. Ela nos mostra o caminho dos ensinamentos cristãos e com esta experiência vamos vivenciar a manifestação de Deus na vida. Porém, é preciso considerar que as ondas agitadas da secularização abriram as portas para os questionamentos e a consciência da própria autonomia do sujeito.

Como se faz a experiência de Deus na caminhada pessoal? Ela é feita a partir do encontro consigo mesmo e com Deus, por meio de exercícios de meditação, contemplação, reflexão e, sobretudo, pela caridade. Quando entramos em sintonia com Deus através da oração nos sentimos pessoas novas. Depois desse encontro com Ele há mudanças que transformam nosso jeito de ser, de pensar e agir a respeito do sentido da vida e se torna capaz de enxergar um novo caminho.

⁵ I Jo 4, 20s

⁶ Jo 13,34

Boff afirma que “Deus emerge do coração da vida, Ele vem misturado com as coisas. É a interpretação última daquilo que o ser humano experimenta em sua radicalidade” (BOFF, 2002, p. 74).

Na vida Deus se revela através dos sinais que vemos, sentimos e experimentamos. Vemos a presença em cada criatura e em cada ser humano, como Ele está misturado em tudo vivenciamos e sentimos esse amor de Deus por nós. Diante dos nossos desafios Deus nunca nos abandona, mas nós que o abandonamos. O Pai bondoso, misericordioso cheio de compaixão sempre está conosco:

Todos fazem, por exemplo, a experiência da bondade radical da vida. Entregamo-nos confiantes ao trabalho e as tarefas cotidianas, porque possuímos uma confiança não reflexa nem tematizada na bondade da vida. Esta é dramatizada pelo caos existencial, pela traição do amigo, pela mentira, pelo ódio, pelas doenças e, finalmente pela morte (BOFF, 2002, p. 74).

Quando acontece o vazio existencial na vida, é falta de Deus, de confiança, de esperança e de fé. Na verdade corremos o risco de perder o sentido de viver. E porque não procuramos um tempo para descansar, para relaxar, pensar e refletir sobre sentido da vida?

Quando passamos por uma crise na vida é ruim, mas quem poderá dizer que não passou por essa experiência? Só quem ainda vai nascer. A crise em seu termo Cristológico é crescimento, é a oportunidade e não um fim. Passando por essa experiência começamos a enxergar o lado bom da vida. É preciso passar pelos desafios para conseguimos ser melhor no futuro. Nesta linha, conforme destaca um teólogo jesuíta, é a ressurreição de Jesus que se torna símbolo de esperança para todos os crucificados da história:

De um ponto de vista qualitativo, a ressurreição de Jesus se converte em símbolo universal de esperança na medida em que todos os homens participam de alguma forma da crucificação; em outras palavras, na medida em que a morte de todo homem tenha a qualidade da crucificação. Esta é a morte cristã por antonomásia e a partir desse tipo de morte pode-se ter a esperança cristã da ressurreição. É preciso participar, pois, da crucificação, ainda que analogicamente, para que exista uma esperança cristã (SOBRINO, 1985, p. 221).

Interessante que nunca paramos para pensar e refletir sobre o sentido da vida. As pessoas quando passam por uma crise ficam desanimadas e se perguntam pelo sentido do viver. Muitas pessoas encontram forças e sentido em Deus por meio do encontro de uma espiritualidade onde

se valoriza os sentimentos, as emoções, os gestos espontâneos e se dá atenção à escuta dos sofrimentos de cada pessoa. O primeiro passo para compreender o sentido é não abafar as perguntas que nos inquietam e assumirmos com responsabilidade as grandes e pequenas tarefas da vida: na convivência com os outros, no mundo do trabalho, na relação familiar.

O grande sentido da vida é que Deus nos ama do jeito que a gente é, e não faz distinção de ninguém, para Ele somos iguais. No horizonte da espiritualidade proposta por Boff a criação de Deus é perfeita e nela está inscrita uma lição:

Fez de um jeito que, um dia, todos serão realmente iguais. Fez uma coisa que ninguém pode comprar. O milionário compra o que deseja e vai para onde quer. Deus inventou uma coisa que faz com que todos sejam iguais e que ninguém pode comprar. Isso ele manda de graça: a morte. O milionário pode comprar um caixão de jacarandá. Mas ele também morre e é enterrado num palmo de terra, igualzinho ao mais pobre dos pobres. Deus fez tudo bem feito, com a invenção da morte. Por ela todo o mundo é feito igual e irmão (BOFF, 2002, p. 74-76).

A experiência cristã é anunciar o Reino de Deus, saindo do seu espaço geográfico e experimentar Deus naqueles que mais precisam Dele; viver a unidade, a universalidade, o protagonismo, a paz, o amor entre as pessoas e testemunhar uma nova maneira de viver e conviver. Irradiar a alegria do seguimento de Cristo significa entender que a evangelização comporta agir e não só falar; comporta libertar o pobre e também escutar os gemidos que provém da Terra na perspectiva de uma educação ecológica integral.

Ser cristão é viver em unidade com Deus, através da nossa oração, mas é preciso colocar na prática esta ligação profunda com Ele, principalmente no cotidiano. Temos que ser pessoas protagonistas, motivadas, pessoas alegres e não com o rosto de tristeza parecendo frustrados. A espiritualidade – na perspectiva sublinhada por Boff e pelos teólogos da libertação – está interessada em mostrar que Deus emerge do contraste, ou seja, é uma espiritualidade da ação que não permite ficar parados frente às injustiças e infunde novo ânimo para enfrentar os desafios da vida. A força nova, a alegria e a esperança provém, por exemplo, da capacidade de ter o mesmo olhar contemplativo a respeito do mundo e das pessoas que tinha Jesus de Nazaré.

O Papa Francisco nos fala da alegria e da necessidade de não sermos pessoas amargas e sublinha a urgência de uma comunidade humana que cure as feridas dos homens e mulheres desta sociedade niilista, individualista e consumista. A cultura do encontro e a preocupação pelas questões do planeta parecem ser temas que estão em perfeita sintonia com a perspectiva do

teólogo Boff e do próprio ensinamento do magistério do Papa Francisco. O anúncio deve ser do Deus no meio de nós, talvez invisível aos olhos, mas sempre pronto a manifestar-se para aqueles que têm o coração sensível e aberto. Leonardo relata que “não fazemos a experiência do amor como experiência daquilo que acontece em nós, mas daquilo que é maior do que nós” (BOFF, 2002, p. 78), e isto significa a vivência da plenitude de sentido em nós. O amor de Deus é superabundante e a criatura não é capaz reconhecer a generosidade, a grandeza e a misericórdia manifestada pelo Mistério que faz todas as coisas.

Em nossa vida acontece mistérios que não sabemos o porque. Mas diante de tudo isso perguntarmos para que? Quando encontramos uma pessoa que nos ama, sentimos amados numa absoluta gratuidade. Boff lança interrogativos significativos para o percurso de quem quer viver a experiência de Deus: quais são as misericórdias de Deus na minha vida? Como é que se manifesta esse amor de Deus na minha vida? Como é possível ver para além das aparências?

A humanidade foi educada na espiritualidade e na sua busca por Deus por muitos grandes mestres como Confúcio, Buda, Jesus. Com eles aprendemos a amar as pessoas pelo valor que elas comunicam e pelo significado delas na vida. Estes mestres ensinaram a amar não por interesse, mas para descobrir a experiência fundamental que estava por trás da gratuidade da vida deles. E isto é significativo também para o seguimento de Jesus. Aliás, Leonardo Boff afirma que Jesus chama os discípulos não para ficar simplesmente no seguimento dele, mas para repetir a mesma experiência que Ele (Jesus) realizou na vida: a doação, a comoção diante da natureza, a participação na vida dos pobres e marginalizados e um testemunho de entrega.

“Quem é Deus na sua última profundidade, só podemos aprendê-lo a partir da experiência do amor” (BOFF, 2002, p. 79). A experiência do amor de Deus se dá através do encontro pessoal com Ele, com as orações onde nos comunicamos, contemplamos, refletimos e percebemos que ele caminha conosco todos os dias manifestando as suas graças.

Percebermos quem é Deus no nosso ser através do silêncio, um dos grandes desafios é que não conseguimos fazer mais silêncio. Qual seria a razão da falta de silêncio? O silêncio nos incomoda? Estamos em uma vida muito agitada. E não conseguimos parar. É preciso um grande esforço para entrar em sintonia com Deus. Desse modo, o silêncio incomoda porque nos faz refletir sobre a vida e muitos não conseguem fazer silêncio por causa dos pontos de interrogações que surgem na cabeça. Se forem situações difíceis pior ainda, foge mesmo do silêncio.

Neste momento que entramos em conflito conosco mesmo através da comunicação pessoal com Deus, é oportuno pedir para Ele a paz interior. Deus já nos conhece e sabe quem realmente somos. Ele sabe o que passa no coração de cada pessoa.

Não precisamos esconder de Deus as nossas negatividades e fraquezas. Ele nos conhece e ama infinitamente. Quando confiamos em uma pessoa que amamos não temos vergonha de partilhar os nossos fracassos e sucessos. Assim é com Deus, onde depositamos toda a nossa confiança, “Vinde a mim e eu vos aliviarei”⁷.

Para vivermos a espiritualidade é necessário, sem dúvida, cultivar e por em prática a oração. Na oração como encontro com Deus deixamos que Ele se revele em nosso interior, pedimos a Ele que transforme o nosso ser. A oração é um diálogo que permite profundas mudanças.

Na oração transparece que Deus é o grande protagonista da nossa vida, pois Ele mesmo nos incentiva com a gratuidade do seu amor, Ele nos manifesta sua bondade infinita sem cobrar de nós algo em troca. O amor de Deus não é como um casal de namorados, que quando vive o seu romance tem que justificar seu amor para pessoa amada. Deus é ao contrário, ele nos ama infinitamente sem justificção.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo tratamos os desafios da espiritualidade contemporânea a partir das categorias ilustradas por Leonardo Boff no livro “Experimentar Deus”. Para o teólogo brasileiro a experiência com Deus comporta senti-Lo na totalidade de nosso ser. Boff alerta para o perigo de reduzir tal experiência ao nível da racionalidade. O seu livro nos interpela a pensar sobre como experimentar Deus frente aos desafios da tecnociência, da vida religiosa atual, da ecologia e de um mundo cujo projeto político-social tende a excluir e deixar na margem tantos seres humanos, nossos irmãos.

A vida espiritual quando baseada no seguimento de Jesus comporta a fidelidade às bem-aventuranças que nos ensinam a nos colocarmos diante dos desafios contemporâneos a partir do coração do Evangelho. Assim, é a pureza do coração que permite a transparência perante Deus. A transparência dada pelas bem-aventuranças dispõe a pessoa a servir sem preferências; amar até mesmo o inimigo; renunciar sem precisar retribuição e dispõe para um perdão sem medida. A

⁷ Mt 11, 28

transparência que a experiência que Deus dá, aparece na meditação, na reflexão, na interiorização e na oração. Leonardo Boff insiste, portanto, no significado da experiência de Deus, porque por meio desta a pessoa pode ver o mundo na sua transparência. O mundo sofre uma transfiguração.

O itinerário proposto revelou-nos ainda a importância de certa superação da ideia prévia e ideológica que temos de Deus. Por outro lado, foi à oportunidade para revelar o quanto é importante a fantasia, tal como o próprio Jesus gostava de utilizar para falar da realidade do Reino. A tese desenvolvida no livro “Experimentar Deus” pode ser também verificada em outros textos de Leonardo Boff. É o que acontece, por exemplo, no livro onde ele discute a questão trinitária e manifesta a importância de crer com o coração e com a razão:

Nós não cremos somente com o coração que ama e a cabeça que pensa. Creamos também com a nossa fantasia. Sem a fantasia não somos quase nada. É a partir da fantasia que a nossa esperança se fortifica e toda a realidade ganha colorido. Só podemos apreender o que Deus nos prometeu se usarmos a fantasia, porque a mente humana apenas alcança o presente e pensa Deus com conceitos tirados do mundo. O próprio Jesus quando nos descreve o Reino de Deus usa de imagens e comparações tiradas da fantasia: a imagem da semente, do tesouro escondido, do banquete, do patrão que chega de surpresa à sua propriedade (BOFF, 1989, p. 73).

A experiência cristã é um chamado a fazer a experiência do amor de Deus na dimensão pessoal e comunitária. Essa experiência cristã é anunciar o Reino de Deus, saindo do seu espaço geográfico e experimentar Deus naqueles que precisam de Deus, e viver a unidade, a universalidade, o protagonismo, a paz, o amor entre as pessoas e testemunhar uma nova maneira de viver e conviver. A tese de Leonardo Boff no contexto da espiritualidade da libertação, nascida na América Latina, quer sinalizar a importância da personalização do Mistério e, por conseguinte, do respeito com relação às dimensões do eu (vida de intimidade com Deus), do outro (compromisso com a caridade e solidariedade) e da natureza (salvar a Terra da exploração dominante).

7. REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e Espiritualidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BOFF, Leonardo. **Experimental Deus: a transparência de todas as coisas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BOFF, Leonardo. **A Santíssima Trindade é a melhor comunidade**. São Paulo: Vozes, 1989.

BOFF, Clodovis. **Teologia pé-no-chão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

CASALDÁLIGA, Pedro. **Na procura do Reino: antologia de textos 1968/1988**. Tradução de Antonio Carlos Moura. São Paulo: FTD, 1988.

DÍAZ MATEOS, Manuel. **A vida nova: fé, esperança e caridade**. Coleção Teologia e Libertação. Tradução de Jaime A. Clasen. São Paulo: Vozes, 1993.

FABRI DOS ANJOS, Márcio (orgs.). **Teologia e novos paradigmas**. São Paulo: Loyola, 1996.

LIBÂNIO, João Batista. Diferentes paradigmas na história da teologia. In: FABRI DOS ANJOS, Márcio (orgs.). **Teologia e novos paradigmas**. São Paulo: Loyola, 1996, p. 35-48.

RICHARD, Pablo. **A força espiritual da Igreja dos Pobres**. Tradução de Jaime A. Clasen. São Paulo: Vozes, 1989.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1975.

SOBRINO, Jon. **Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a cristologia**. São Paulo: co-edição Vozes-Loyola, 1985.